

Emigrante moçambicano recrutado na Suazilândia

— Castelo Ngula falando a Jornalistas

Vários moçambicanos emigrantes, que trabalhavam numa plantação de cana sacarina na Suazilândia, foram recrutados à força por bandidos armados e introduzidos em Moçambique para prática de acções de destruição, desestabilização e disseminação de um clima de terror. Esta revelação foi feita por Castelo Ngula, que se apresentou como um dos emigrantes moçambicanos que caíram nas mãos dos bandidos armados, vindo a ser capturado pelas FAM/FPLM, em território nacional. Segundo Castelo Ngula, que prestou estas declarações num encontro com jornalistas nacionais e estrangeiros, em Maputo, os bandidos armados entraram na Suazilândia a partir de Janeiro deste ano e iniciaram o recrutamento de moçambicanos em Junho.

De 51 anos de idade, Castelo Ngula denotava nervosismo quando foi trazido à presença dos jornalistas. É natural de Inhambane, de onde saíra há muitos anos para se fixar em Maputo, no Bairro da Maxaquene. O seu olhar é tímido e a fala pausada. Por vezes cai em contradição.

No ano de 1981, obteve um contrato para ir trabalhar na África do Sul, como mineiro.

— Mas quando cheguei lá, não gostei das condições de trabalho que encontrei. Antes de concluir o contrato, consegui passar para a Suazilândia, onde arranji emprego numa plantação de cana-de-açúcar, pertencente a um fazendeiro sul-africano — conta Castelo Ngula.

Estes factos passaram-se ainda no ano de 1981. Mais tarde, com o produto do seu trabalho obteve casa própria numa zona rural próxima da machamba onde trabalhava, o que lhe permitiu chamar a sua mulher e filhos.

O RECRUTAMENTO

— Vivi com a minha família, todos estes anos sem qualquer problema. Mas, em Janeiro deste ano, começámos a ver muitos indivíduos armados, a circular perto das nossas casas. Como nunca se tivessem metido connosco, não nos preocupámos. Mas em fins de Maio, apareceram na nossa plantação alguns colaboradores do régulo da nossa zona, a fim de pedirem os nomes de todos os moçambicanos que ali trabalhavam. Longe de adivinhar o que iria suceder, demos os nossos nomes e eles fizeram uma lista.

Feita a relação de todos os moçambicanos naquela plantação, os emissários do régulo da zona, de seu nome Tonjambili Ngomezulu, deixaram a recomendação de que os alistados deveriam apresentar-se em casa do régulo daí, a duas semanas num domingo de manhã.

Conforme afirma Castelo Ngula, na data estabelecida todos dirigiram-se à casa do régulo, onde foram recebidos por quatro indivíduos desconhecidos. Nesse dia, nada de anormal se passou apenas um dos colaboradores do régulo disse que eram os quatro indivíduos ali presentes que necessitavam deles para um trabalho. Depois, foi feita a chamada e a cada um foi designado o dia em que deveria comparecer no mesmo local, daí a uma semana.

Segundo Castelo Ngula, na sua plantação os moçambicanos eram

muitos e todos eles receberam ordens e datas para se apresentarem em períodos do dia e horas diferentes: casa do régulo Ngomezulu.

ENTRADA EM MOÇAMBIQUE

— A mim tinham-me indicado o dia 8 de Junho. Quando lá cheguei, encontrei apenas dois dos quatro que nos tinham recebido no primeiro dia. Logo que cheguei mandaram-me seguilos e, pelo caminho, explicaram-me que nos dirigíamos a Moçambique, a fim de irmos buscar um indivíduo curandeiro, que trabalhava com eles, de nome Pedro, em Catuane. Eles vestiam à civil e, embora trouxessem «sacudus» (mochilas), não estavam armados. Mas eu assustei-me e disse-lhes que não me interessava largar o meu emprego e a família para voltar a Moçambique naquelas condições. Então bateram-me os dois, e disseram que eu devia fazer o que me mandavam — adianta Castelo Ngula.

Caminharam pela mata até atingirem a fronteira, que, atravessaram, penetrando em Moçambique, em direcção a Malutiwe.

— Depois de atravessarmos o Rio Maputo, os meus dois acompanhantes abriram os sacudus e deles tiraram cada um, um rádio e uma pistola. Penso que as armas destinavam-se a intimidar-me para que eu não fugisse enquanto eles operavam com os rádios. Fizeram durante algum tempo, numa língua que julgo ser ndau, Depois desilgaram e voltaram a meter tudo nos sacudus, e continuámos a andar.

À CAPTURA

Foi quando o grupo chegou a uma empresa agro-pecuária, cujas instalações aparentavam abandono, que os dois bandidos mandaram Castelo Ngula seguir em frente até atingir a estrada, pela qual deveria seguir durante cerca de duas horas. Depois, num desvio, tomaria um caminho à esquerda que o levaria à casa do curandeiro Pedro. Quando o encontrasse dir-lhe-ia que os seus amigos... (afirmou não se recordar dos nomes dos dois bandidos) aguardavam na

empresa agro-pecuária, onde ficariam à espera.

— Andei muito, e depois, como não conhecesse a zona, encontrei duas mulheres que abordei, perguntando pela casa do curandeiro. Já estava a escurecer, as duas mulheres convidaram-me a acompanhá-las a sua casa, porque como já estava escuro não me seria fácil ver o caminho. Eu aceitei, tanto mais que estava cansado de andar. Chegado à casa delas, uma delas mandou uma criança chamar o marido, numa casa próxima. Quando este apareceu contaram o sucedido.

O chefe daquele agregado mandou servir comida ao «hóspede», após o que o convidou a dormir para prosseguir a viagem quando o sol raiasse. Volvidos cerca de 30 minutos, eis que o dono da casa reaparece, acompanhado de três milícias e um sujeito apresentado como secretário do GD da zona.

— Acordaram-me e começaram a interrogar-me. Expliquei tudo, mas eles disseram que os devia acompanhar e levaram-me ao quartel da zona, onde fui entregue aos soldados da Frelimo. Isso foi já no dia 9 de Junho. Alguns dias depois fui enviado para Maputo, onde fiquei detido até hoje — conclui Castelo Ngula, o seu relato.



Castelo Ngula, ao relatar a sua história aos jornalistas.